

## Introdução

Diante da dramática mudança da realidade a que se encontra submetido o ser humano, hoje, nossa vocação cristã evangelizadora e educadora procura, mais do que respostas, compreender seu comportamento frente à religião. Em nosso modo de entender, a atividade pedagógica exige mais entender do que explicar, mais ouvir do que falar. Ao nos depararmos com a necessidade de dar fundamentação à nossa fé, de estabelecer diálogo com outra modalidade de crer que se delineia bem diante dos nossos olhos, já não podemos fingir que tudo continua a ser como antes. Nossa fé, bem como nosso discurso e prática pedagógica não comunicam mais nossa *boa nova*, e já não sabemos com que instrumental poderemos nos fazer entender. Gostaríamos de lembrar, com Gerson Fischer, a inegável urgência de voltarmos-nos aos fundamentos em uma atitude de revisão de nossas práticas, nossos valores, pressupostos, do processo de formação e do nosso ser igreja cristã<sup>1</sup>.

Nas salas de aula, na PUC-Rio, mais precisamente nas aulas de Cultura Religiosa, podemos perceber o quanto é urgente pensar sobre essas questões: um novo perfil de crente, nova modalidade de crença, crer sem pertencer a uma instituição, crer sem a validação de igreja alguma, ser católico mas ser também budista, outras formas de sincretismo, ler a Palavra sem mediação reguladora de sentido, validação comunitária do crer, responsabilidade dos católicos diante dessa pluralidade, missão, possibilidade de conversão no contexto urbano atual etc. Tudo faz parte da novidade pós-moderna que, na sua matiz religiosa, pode ser vista sob o prisma da mobilidade religiosa ou trânsito religioso que nos questiona, interpela e exige de nós uma tomada de posição.

É com enorme tristeza que constatamos que é grande o número de jovens que não possui nenhuma orientação religiosa de seus pais, nem da escola ou da catequese feita na infância, muitas vezes, sem nenhuma interpelação para um

---

<sup>1</sup>Cf. FISCHER G., **O Paradigma da Palavra, a educação cristã entre a Modernidade e a Pós-modernidade**, Vol. 13, Serie Teses e Dissertações, São Leopoldo, Sinodal, IEPG, 1998, p. 6.

compromisso com a pessoa de Jesus. Os jovens cristãos católicos se dizem assim por terem sido batizados na infância, mas não se consideram católicos, embora se digam cristãos porque a pessoa de Jesus, mesmo desconhecida ou envolta numa nebulosa, ainda impressiona, tem peso. A instituição Igreja causa nesses jovens, muito desconforto e nenhuma motivação que mereça, da parte deles, qualquer atenção. No entanto, podemos notar que a juventude não está desinteressada de uma conversa sobre religião, salvação, pecado, ética, diálogo, etc. Mas não escondem sua aversão à linguagem eclesial que eles consideram piegas e ultrapassada. Basta um pouco de boa vontade para escutar suas dúvidas, interrogações, reclamações ou mesmo compreender suas perplexidades em relação à religião, e a determinadas tomadas de posição da Igreja, para perceber que desejariam compreender melhor esse Deus que, às vezes, parece tão diferente daquele anunciado por Jesus de Nazaré... Esses jovens querem um Deus que fale a língua deles, que os compreenda, que seja amigo de turma com os mesmos interesses, que possa ouvi-los a partir de sua própria linguagem, que inspire confiança e que não os impeça de serem eles mesmos, jovens de seu tempo<sup>2</sup>.

Essa realidade nos fez olhar mais longe e ir além das salas de aula. Foi assim que nos deparamos com um horizonte mais amplo, que ultrapassa o limite da juventude cristã e alcança homens e mulheres que têm como norteadores de suas vidas as balizas da pós-modernidade, onde a escolha, a autonomia acentuada, o individualismo e o descompromisso, se tornam características do comportamento desse grupo, de sua visão de mundo, de sua ética e do seu relacionamento com a religião. Os diversos setores socioculturais tornam-se autônomos e as regras que regem a vida gozam da mesma autonomia e o campo religioso não deixou de ser afetado por isso. Apresenta-se diante de nós um novo perfil de crente com características próprias como a relevância da dimensão afetiva na religiosidade, novo modo de organização espacial que podemos chamar de agrupamento, a fluidez que se torna visível na dispersão, e compromisso com o grupo e não com a instituição, próprios de um mundo fortemente marcado pelo individualismo

---

<sup>2</sup> Essas afirmações são fruto de nossas investigações, em sala de aula, a respeito das expectativas dos jovens que afirmam crer em Deus.

que estabelece uma relação fria, competitiva, utilitarista entre as pessoas produzindo tédio, solidão, depressão e angústia. O sagrado irrompe numa vertente pluralista que não distingue classe social, faixa etária, sexo ou escolaridade, e em todos os âmbitos parece ter o cunho terapêutico já que, atrelado ao religioso, está a busca pela satisfação pessoal, bem estar do corpo, da mente, resolução de problemas financeiros, emocionais, psicológicos e espirituais.

O objetivo de nossa pesquisa é levantar uma questão específica e oferecer uma resposta que sabemos provisória, pois reconhecemos que esse assunto não foi ainda amplamente estudado pela teologia. A pergunta que fundamenta nossa pesquisa é então: *Pode esse novo crente que transita entre as igrejas cristãs realizar a conversão a Jesus Cristo?* Diante desse contexto, torna-se urgente, talvez mais do que nunca, para nós, católicos comprometidos com a mensagem do evangelho, pensar sobre essa questão que levanta ainda outras mais como: Será que o ‘novo crente’ busca conversão ou, ao menos, pensa nisso? Será que uma boa parte dessa “conversão” não estaria intimamente ligada à nossa evangelização? E nós, será que temos sido fiéis à fé que dizemos professar? Será que estamos, enquanto católicos, preparados para dialogar com a nova modalidade de crente que surge nesse mundo secularizado e destituído de proposta de futuro? Não faz parte do objetivo principal de nossa pesquisa, responder a todas essas perguntas, que, no entanto, revelam a imensa tarefa que se coloca à frente da pastoral eclesial católica. Mas faz parte de nossa intenção responder nossa pergunta motivadora bem como encontrar pistas que nos coloquem no interior mesmo de nossa missão primeira que é de ser igreja missionária a serviço do Evangelho.

No que se refere à metodologia, faremos uso de pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. A pesquisa apresentará seus resultados de forma descritiva, e cada capítulo de nosso trabalho apresentará uma fonte primária enriquecida do pensamento de outros autores igualmente importantes. Agradecemos aos autores consagrados a valorosa contribuição para o desenvolvimento de nossa pesquisa e, conscientes da limitação da mesma, desejamos, sinceramente, que outros teólogos, diante da urgência exigida pelo tema, venham a desenvolvê-lo aprimorando essa reflexão.

No primeiro capítulo de nossa pesquisa, apresentaremos um panorama da modernidade, a partir da filosofia cartesiana e de seu influxo na mentalidade das pessoas, nas relações humanas e, que, por conseguinte, atingem a vida da Igreja. Também apresentaremos, de forma modesta, o impacto causado pela “chegada” de um ‘novo tempo’ que muitos autores denominam ‘pós-modernidade’. Restringir-nos-emos a mostrar seus sintomas, no que diz respeito à mobilidade no campo religioso. Contaremos com a valiosa contribuição da Sociologia, através de renomados representantes entre eles a socióloga brasileira, professora Silvia Fernandes, coordenadora da pesquisa do CERIS cuja metodologia norteará nossa pesquisa neste primeiro momento e da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger que nos presenteia com uma profunda reflexão acerca da mobilidade religiosa contemporânea na obra “O Peregrino e o Convertido”. Traçaremos um esboço do perfil do ‘novo crente’ com o objetivo fundamental de compreender melhor suas características e seu modo de vivenciar a relação com a religião para que possamos ir, ao longo de nossa reflexão, construindo uma resposta à pergunta inspiradora de nossa pesquisa: Pode o ‘novo crente’ converter-se?

No segundo capítulo, buscaremos fundamentos, principalmente na antropologia do teólogo espanhol José Ignacio González Faus, ficando restritos ao que o autor apresenta em sua obra “Proyecto de Hermano, Vision Creyente del Hombre”. Consideramos de fundamental importância para o desenvolvimento de nosso tema – conversão-, a abordagem de uma reflexão atenta e objetiva sobre a condição pecadora de todo ser humano, bem como sobre a oferta da Graça de Deus mediante Jesus Cristo para todos os seres humanos, sem exceção. Graça que capacita o ser humano a viver a experiência pessoal com Deus e a dar uma resposta livre que o leve a assumir concreta e responsabilmente sua missão cristã, ou seja, realizar o processo de conversão, que também pode ser compreendido como a passagem de uma situação de não-salvação para uma situação de salvação! Ainda nesse capítulo, abriremos um parêntese, e sem interromper o fio condutor de nossa reflexão, apresentaremos uma breve reflexão acerca dos conceitos de experiência e liberdade vistos sob a ótica da teologia cristã, pois , como já

afirmamos anteriormente, todo ser humano é capacitado a viver a experiência da Graça de Deus e responder, na liberdade, a esse chamado salvador.

E já que refletimos acerca da situação do ser humano *pecador* diante de Deus, que mesmo com toda sua ambigüidade e divisão interior é *agraciado* e chamado por Deus a fazer parte de um plano de amor e eternidade, no terceiro capítulo, recorreremos à Sagrada Escritura na busca da compreensão do sentido de conversão presente nos textos veterotestamentários e na teologia das primeiras comunidades cristãs. Faremos uso do material que os teólogos especialistas no texto bíblico podem nos oferecer, especialmente do que o teólogo Ronald D. Witherup apresenta em sua obra intitulada “Conversão no Novo Testamento”. Embora nossa pesquisa não esteja concentrada na área bíblica, é nosso desejo buscar no material fornecido pelos exegetas, biblistas, inspiração e fundamentação para a reflexão sistemático-pastoral. Queremos enriquecer nossa pesquisa a partir de uma leitura atenta e orientada por aqueles que podem nos ajudar a compreender a intencionalidade profunda da mensagem de Jesus Cristo, impressa na fonte primordial que é a Sagrada Escritura.

Entendemos ser, hoje, uma necessidade pastoral pensar e refletir sem preconceito e arrogância, sobre o posicionamento do cristão engajado nas Igrejas cristãs frente ao ‘novo crente’. A palavra deixada pela comunidade apostólica, a partir da experiência pessoal e histórica, com Jesus de Nazaré, depois percebido e exaltado como “O Cristo de Deus”, é performativa para nossa práxis e deve ser a primeira inspiração para uma ética conformada ao seu Mestre. É por esse motivo que buscaremos esclarecimentos no interior dos textos neotestamentários. Com a devida licença de nossos especialistas, é nossa intenção estreitar os laços entre a reflexão sistemático-pastoral e a fonte bíblica enquanto partes de uma mesma reflexão teológica cristã sem, no entanto, ultrapassar o limite acadêmico entre essas duas possibilidades de fazer teologia.

O que pretendemos, no quarto e conclusivo capítulo de nossa pesquisa é, acima de tudo, inferir uma despretensiva resposta, que sabemos provisória e, ainda, apresentar o que entendemos ser tarefa da Igreja Católica e de todo cristão: ocupar-se em acolher, assumir e testemunhar o agir de Jesus Cristo frente a um novo modo de crer. Essa deve ser no nosso

entender, a postura da Igreja diante desse ‘novo perfil de crente’ que, cada vez mais, visita nossas igrejas a procura de conforto espiritual e de “algo mais” que aponte para o verdadeiro sentido da vida, que lhe proporcione consolo nesses “tempos difíceis”, coragem para enfrentar a luta diária e alívio da sensação de solidão que assola o ser humano pós-moderno de todas as classes sociais e de todas as denominações religiosas.

Iremos apresentar nossas conclusões, nesse quarto capítulo, em dois momentos. Num primeiro momento, mostraremos a impossibilidade de o novo crente peregrino, uma vez que demonstra não querer assumir compromisso com a comunidade de fé, realizar o processo de verdadeira conversão, embora pela graça de Deus esteja capacitado a experimentá-Lo. No segundo momento, apontaremos a necessidade de conversão da Igreja. Enfrentando desafios teológicos e pastorais, deve a igreja colocar-se a serviço de uma sociedade pluralista e, diante de tão árdua tarefa, também pensar uma configuração de Igreja que seja capaz de acolher esse novo perfil de crente. É parte de nossa missão transmitir-lhe a mensagem de Jesus através de uma prática pastoral que possa seduzi-lo a permanecer, no intuito de partilhar com ele a fé cristã, anunciar-lhe a Boa Nova e participar de seu amadurecimento espiritual, dando testemunho de uma experiência cristã madura e autêntica.